

## **ESPECULAÇÕES SOBRE A ORIGEM DA MODERNIZAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS**

*Derócio Felipe Perondi Meotti*

### **RESUMO**

Este trabalho visa especular sobre a possível *origem* do processo de modernização de Florianópolis. Tal processo, na medida em que se destaca do fluxo da história, se configura como *histórico* e, com isso, demanda uma metodologia capaz de considerá-lo enquanto tal. Tal metodologia, no entanto, não pode ser uma metodologia historicista, já que com ela não podemos explicar o que faz de um momento qualquer “histórico”. Em contraposição a tal metodologia, defenderei a tese de que a metodologia materialista proposta por Walter Benjamin é a mais adequada para compreender a origem do processo de modernização da capital catarinense.

**Palavras-chave:** Origem. Modernização. Florianópolis. Historiografia. Benjamin.

### ***SPECULATIONS CONCERNING THE ORIGIN OF FLORIANÓPOLIS’ MODERNIZATION***

#### ***ABSTRACT***

*This work aims to speculate about the possible origin of the process of Florianópolis’ modernization. Such a process, to the extent that it stands out of the flow of history, configures itself as historical, and therefore demands a methodology capable of considering it as such. This methodology, however, cannot be a historicist methodology, since with it we cannot explain what makes any moment “historical”. In contrast to such methodology, I will defend the thesis that the materialist methodology proposed by Benjamin is the most adequate to understand the origin of the modernization process of the capital of Santa Catarina.*

**Keywords:** *Origin. Modernization. Florianópolis. Historiography. Benjamin.*

Apesar de cercada pelo mar em cada centímetro de seu perímetro, a ilha da capital catarinense possui uma característica cujo significado, a princípio, é de difícil apreensão. Essa característica é a distância *do mar*. Claro, água ao redor da ilha é o que não falta, mas como ela está longe! Se estivermos no centro de Florianópolis, espaço onde as interações sociais acontecem de maneira mais intensa e viva, a impressão que temos é que uma barreira quase intransponível se “ergue” entre os habitantes desse espaço e o mar. Tal barreira, no entanto, não tem sequer um centímetro de altura – para ser mais preciso, *altura* é algo que de todo ela não tem. Não por acaso deixei o termo ‘ergue’ entre aspas. Para, partindo do centro da vida social florianopolitana, chegarmos ao mar, temos que transpor essa barreira, mas raramente nos sentimos compelidos a fazê-lo. São apenas alguns metros de asfalto que separam o social do marítimo, mas esses poucos metros são mais do que suficientes para desencorajar o deslocamento.

A primeira vez que ouvi a expressão *dromofobia* foi em uma aula do doutorado, por meio do professor Ulisses Vaccari, àquela altura convidado do professor da disciplina, Paolo Colosso. Tal expressão indica o medo patológico de atravessar ruas. Os habitantes de Florianópolis, segundo minha descrição até aqui, sofrem desse medo patológico – e seus visitantes também. Parece que, entre os espaços *humanos* – o centro e o mar – se encontra um espaço de todo *inumano*, um espaço feito para e habitado por.. carros.

No entanto, a coisa nem sempre se configurou dessa maneira. A relação entre o social e o marítimo em Florianópolis foi, até certa altura do século passado, indissociável. No processo histórico de configuração do espaço social florianopolitano, o mar e suas características sempre se vincularam de maneira *orgânica* com a vida social da cidade. Esse modo de vida, no entanto, se mostrou, a partir do início do século XX, *incompatível* com o que se esperava de uma cidade “moderna”. Para não se perder na marcha do progresso – ou melhor, não ser atropelada por ela –, Florianópolis iniciou um processo que hoje reconhecemos como sua *modernização*. Ela tem vinculação direta com os tipos de espaços sociais que são compatíveis com a ideologia vinculada ao progresso: o capitalismo industrial. Não obstante essa chave

interpretativa nos ajude a perceber o que há de *semelhante* entre o processo de modernização de Florianópolis e o das demais metrópoles mundo afora, ela deixa de lado o essencial para a compreensão do processo de modernização da capital de Santa Catarina, i.e., o que ela tem de *peculiar*.

Se, portanto, o que queremos compreender for a modernização de Florianópolis, precisamos considerá-la a partir de um procedimento metodológico que não apague ou desconsidere seus elementos heterogêneos em detrimento do semelhante, mas um que, investigando tais elementos, os inclua naquilo que poderíamos considerar a *ideia* da modernização de Florianópolis. Tal ideia, como veremos na primeira seção, deve ser considerada em seu “caráter monádico”, i.e., como um todo que, ao dissolver e reunir ao redor de si os elementos que a constituem enquanto tal, contém em si a representação de todo o resto do “reino das ideias”. Essa proposta metodológica, como veremos, foi sugerida por Walter Benjamin (1892-1940) em sua tese de habilitação (*Habilitationsschrift*) intitulada “Origem do drama barroco alemão” [*Ursprung des deutschen Trauerspiels*]<sup>1</sup>, e será a base teórica de minha defesa da seguinte tese: é necessário que compreendamos a modernização de Florianópolis em seu caráter monádico.

A partir da defesa dessa tese, poderei delinear de que modo o papel do historiador se configura como *messiânico*, já que, assim como o filósofo deve “salvar” os fenômenos na unidade da ideia, o historiador deve, destacando um momento histórico do fluxo do contínuo, “salvá-lo” do perigo que ameaça sua existência e a de determinada tradição que corre o risco de não chegar a seus herdeiros. Se pensarmos que a tradição ameaçada em Florianópolis é a *maritimidade* que se constituiu de maneira orgânica até o início do século passado, é papel do historiador mergulhar nos elementos da modernização de Florianópolis para que eles falem e, nessa fala, revelem as “leis” de tal processo.

Ao fazer isso, como veremos na terceira e última sessão, podemos perceber como o processo de modernização de Florianópolis, enquanto uma tentativa de adequação à concepção de progresso vinculada ao capitalismo industrial, vem

---

<sup>1</sup> A título de padronização, decidi mencionar todos os títulos de obras em nosso idioma, o português, seguidos do título original entre colchetes (apenas na primeira menção de cada obra).

“aterrando” espaços de sociabilidade constituídos organicamente e, em cima deles, construindo espaços *artificiais*. Uma vez que o esquecimento daquela tradição vista como incompatível com o “moderno” tem relação direta com o esquecimento das vozes que carregam tal tradição, o papel messiânico do historiador, que como tal se apresenta como o “anjo da história”, é o de escutar tais vozes – que, quando falam, muitas vezes se perdem para sempre ao falar para o vazio – e *cristaliza-las* (ou salvá-las) na “história”. Ao concebermos a história dessa maneira, i.e., como um *espaço de luta*, teremos também condições de avaliar a seguinte questão: quem tem o direito de carregar a tradição marítima de Florianópolis?

## **1 Sobre a necessidade de compreendermos a modernização de Florianópolis em seu caráter monádico**

Na introdução desse texto afirmei que devemos considerar a modernização de Florianópolis em seu caráter monádico; em outras palavras, devemos considerá-la como uma *ideia*. Para, no entanto, apreendermos o significado dessa afirmação, precisamos expor seus elementos constitutivos. Não poderíamos, se pensarmos de acordo com o prefácio metodológico de “Origem do drama barroco alemão”, compreender a modernização de Florianópolis por meio de um esquema indutivo-dedutivo que buscasse o que há de *semelhante* entre seu processo de modernização e o das demais metrópoles Brasil adentro e mundo afora. De acordo com Benjamin, tanto a indução quanto uma dedução baseada em um processo indutivo *degradam* as ideias em conceitos (1984 [1925], p. 65).<sup>2</sup>

Benjamin defende que as referências mais gerais da linguagem sejam vistas como *ideias*, não conceitos. Para ele, na medida em que o universal é conceito, ele é simples *média*. É função dos conceitos, no entanto, *agrupar os fenômenos*; a divisão que neles opera é tão mais significativa quanto mais ele consegue, com um só golpe, dois resultados: salvar os fenômenos e representar as ideias (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 57). A exposição dessa tese, porém, exige que falemos brevemente sobre

---

<sup>2</sup> Indicarei, após o ano da edição citada, o ano do original de cada obra.

o modo como ocorre a *salvação dos fenômenos* – tese essa fundamental para compreendermos o papel messiânico do historiador.

De acordo com Benjamin, na medida em que o filósofo pratica uma descrição do mundo das ideias, de tal modo que o “mundo empírico” *nele penetre e nele se dissolva*, o filósofo assume uma posição mediadora entre o investigador e o artista, e mais elevada que ambas:

O artista produz imagens em miniatura do mundo das idéias, que se tornam definitivas, porque ele as concebe como cópias. O investigador organiza o mundo visando à sua dispersão no reino das idéias, dividindo esse mundo, de dentro, em conceitos. Ele tem em comum com o filósofo o interesse na extinção da mera empiria, e com o artista a tarefa da representação. (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 54).

Ou seja, o filósofo, de acordo com Benjamin, quer dissolver o mundo empírico por meio de conceitos, mas *sem perdê-los* nessa abstração. A única maneira de fazer isso, acrescenta o filósofo, é fazendo com que o sistema elaborado tenha, em sua concepção de base, inspiração na constituição do reino das ideias (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 55).

Não é em sua integralidade, no entanto, que os fenômenos entram no reino das ideias, mas apenas em seus elementos, *que se salvam*. Os elementos são depurados de sua falsa unidade para que possam participar, divididos, da unidade autêntica da verdade. Nessa divisão, os fenômenos se subordinam aos conceitos, já que são eles que dissolvem os fenômenos em seus elementos constitutivos. É somente na medida em que visam a salvação dos fenômenos nas ideias que as distinções conceituais podem escapar à suspeita de arbitrariedade (BENJAMIN, 1984 [1925], pp. 55-6).

É graças ao *papel mediador* dos conceitos que os fenômenos, de acordo com Benjamin, podem participar do ser das ideias. Além disso, esse mesmo papel mediador é o que os torna aptos para outra tarefa fundamental da filosofia: representar as ideias. É dessa maneira que os conceitos, de um só golpe, conseguem dois resultados, já que

A redenção dos fenômenos por meio das ideias se efetua ao mesmo tempo que a representação das ideias por meio da empiria. Pois elas não se representam em si mesmas, mas unicamente através de um ordenamento de elementos materiais no conceito, de uma configuração desses elementos. (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 56).

A relação dos fenômenos com as ideias é, portanto, inversa à relação que eles têm com os conceitos. Enquanto, com relação aos conceitos, os fenômenos determinam o escopo e o conteúdo que circunscreve o conceito, com relação à ideia é esta que, como *interpretação objetiva dos fenômenos* (ou de seus elementos), determina as relações de afinidade mútua entre os fenômenos. Os elementos que, segundo sua tarefa própria, os conceitos extraem dos fenômenos, se tornam especialmente visíveis nos extremos, de modo que a “ideia” pode ser descrita como “[...] a configuração em que o extremo se encontra com o extremo” (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 57). As ideias, desse modo, são “[...] constelações intemporais, e na medida em que os elementos são apreendidos como pontos nessas constelações, os fenômenos são ao mesmo tempo divididos e salvos” (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 57).

O fato das ideias, nesse texto de Benjamin, se apresentarem como “constelações intemporais” se mostrará importantíssimo para compreendermos o modo como os objetos históricos, assim como as ideias, devem ser considerados em seu caráter *monádico*. Para Benjamin, as ideias existem em estado de “perfeita autossuficiência”. Elas não só são intocadas pelos fenômenos, como também *umas pelas outras*. A verdade, para o filósofo, seria o “equilíbrio tonal” de tais essências, cuja multiplicidade é *finita*, uma vez que a *descontinuidade* é a marca característica das essências (BENJAMIN, 1984 [1925], pp. 59-60). Com efeito, é justamente a descontinuidade que deve marcar o procedimento metodológico da historiografia.

A relação entre o prefácio metodológico de “Origem do drama barroco alemão” e a concepção que Benjamin tinha sobre o modo como o historiador deve tratar de objetos históricos se dá por meio da categoria de *origem* (*Ursprung*). Ela, afirma Benjamin, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, nada tem a ver com a *gênese* (*Entstehung*).<sup>3</sup> Ela, diferentemente da gênese, não designa um *vir-a-ser* (um processo, ou um *continuum*) daquilo que se origina, mas sim *algo* (uma ideia, ou um momento *histórico*) que emerge do *vir-a-ser* e da extinção. A origem emerge do contínuo e dele se destaca, arrastando em sua corrente, como um “torvelinho”, o

---

<sup>3</sup> No original em alemão, a sentença está escrita desta maneira: “**Ursprung**, wiewohl durchaus historische Kategorie, hat mit **Entstehung** dennoch nichts gemein” (BENJAMIN, 1974 [1925], p. 226, grifos meus).

material produzido pela gênese. O “originário”, de acordo com Benjamin, não se encontra no mundo dos fatos brutos, manifestos. Ele só se revela a uma “visão dupla” (a do historiador) que o *reconhece*, por um lado, como “restauração” e “reprodução”, e, por outro, como “incompleto” e “inacabado” (BENJAMIN, 1984 [1925], pp. 67-8).

Sérgio Rouanet, na introdução de sua tradução de “Origem do drama barroco alemão”, interpreta esse fragmento explicando que, se a origem (*Ursprung*) nada tem a ver com a gênese (*Entstehung*), é porque ela é um *salto* (*Sprung*) em direção ao *novo*. As ideias, originadas na história como aquilo que emerge (*entspringt*),

[...] são em si mesma intemporais, mas contêm, sob a forma de “história natural”, ou virtual, uma remissão à sua pré e pós-história. A forma originada é simultaneamente “restauração e reprodução” – e nesse sentido alude ao passado – e “incompleta e inacabada” – e nesse sentido se abre para o futuro. (ROUANET, 1984, p. 19).

Essa “reflexão obscura”, prossegue Rouanet, contém vários elementos importantes para compreender a teoria da história de Benjamin. A tarefa do historiador, de acordo com o filósofo, é retirar o *objeto histórico* do fluxo da história contínua, salvando-o sob a forma de um objeto-mônada. Ao fazer isso, o historiador torna tal fragmento de história “intemporal”, cristalizando-o com o “olhar de medusa do historiador”, tornando, assim, acessível, tanto a pré-história do objeto quanto a sua pós-história. Assim, “na perspectiva da história descontínua, a única verdadeiramente dialética, não se pode portanto falar em gênese, que supõe o vir-a-ser e o encadeamento causal, e sim em origem, que supõe um salto no Ser, além de qualquer processo” (Rouanet, 1984, p. 19).

O pensamento historicista, desse modo, acrescenta Rouanet, só pode apreender o “antes” e o “depois”, mas não a pré e a pós-história. Em outras palavras, ele possui uma apreensão apenas do encadeamento mecânico dos eventos (característica que, de certo, funciona para a compreensão dos fenômenos sob a alçada das ciências da natureza), mas não da relação *orgânica* entre o “tempo-agora” (*Jetztzeit*) e o ocorrido (*Gewesene*), única relação que pode fazer de um momento qualquer *histórico*.

Nessa perspectiva estrutural, não são os encadeamentos causais que estão em jogo, mas sim as *afinidades internas*, independentemente da distância que separe duas épocas. Isso se dá porque a análise estrutural, de acordo com Rouanet, permite

a leitura da forma enquanto mônada: forma autárquica que contém a imagem de todas as outras formas (ROUANET, 1984, p. 21).<sup>4</sup> A estrutura da ideia, resultante da relação entre seu isolamento inalienável e a totalidade, se pensarmos em conformidade com a proposta metodológica de Benjamin, é *monadológica*. A ideia, portanto, é mônada. O ser que nela penetra com sua pré e pós-história traz, em si, a figura do restante do mundo das ideias. A ideia é mônada e nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos enquanto sua interpretação objetiva. Quanto mais alta a ordem das ideias, mais completa a representação nelas contida. O mundo real, assim, se constitui como uma tarefa ao nos impor a exigência de mergulhar tão fundo no real que ele nos revele uma “interpretação objetiva” (BENJAMIN, 1984 [1925], pp. 69-70). Ou, nas palavras de Rouanet, uma “[...] leitura monadológica do particular até que ele fale, e nessa fala revele as leis do todo” (1984, p. 21).

Poderíamos dizer, portanto, modificando levemente o conteúdo da introdução de Rouanet, que a análise estrutural, *através dos extremos*, desemboca na origem e “revela o segredo” do nascimento da Florianópolis moderna. Esse segredo, por sua vez, é o que poderíamos chamar de “fenômeno de origem”. Em cada *fenômeno de origem*, de acordo com Benjamin, “[...] se determina a forma com a qual uma ideia se confronta com o mundo histórico, até que ela atinja a plenitude na totalidade de sua história. A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história” (1984 [1925], p. 68). Identificar o fenômeno de origem de determinado momento histórico, entretanto, não tem nada de simples. Cada *prova de origem*, argumenta Benjamin, deve estar preparada para a questão da *autenticidade* daquilo que ela tem a oferecer. Se ela não conseguir provar tal autenticidade, não pode apresentar-se como prova. Desse modo, não é qualquer *fato primitivo* que pode ser considerado um “determinante essencial”. É, na verdade, de acordo com Benjamin, aqui que o trabalho do investigador se inicia, pois ele não pode considerar esse fato *assegurado* enquanto sua “estrutura interna” não aparecer com tanta essencialidade que *se revele* como “origem”.

---

<sup>4</sup> Rouanet alerta que Benjamin não usa o conceito de “estrutura” para se referir à *organização interna da ideia*. O comentador, no entanto, o utiliza, como contido na categoria de “origem”, em oposição à *dimensão histórica* (cf. 1984, p. 29).

Apesar disso, o autêntico, “selo da origem” nos fenômenos, não precisa ser procurado nos exemplares mais brilhantes ou vistosos. Ele pode ser descoberto nos fenômenos mais estranhos e excêntricos, ou nas tentativas mais frágeis e toscas – que, de certa maneira, expõem de maneira mais escancarada sua estrutura interna (BENJAMIN, 1984 [1925], p. 68). O que quero com isso ressaltar é que Florianópolis pode não ser exatamente o exemplar mais primoroso de modernização de uma metrópole, mas percebe-se nesse seu processo uma evidente tentativa de adequação à ideia de progresso. Assim, acredito eu (e aqui apenas a título de *especulação*, uma vez que não é minha intenção fazer uma pesquisa historiográfica, mas antes uma reflexão filosófica sobre o tipo de pesquisa que, a partir de determinada metodologia, *deveria* ser feita) que a origem da modernização de Florianópolis se revelaria, desse modo, na ideia de *progresso*, vigente desde o advento das sociedades industrializadas.

Porém, já vimos acima que *indicar* um fenômeno de origem não é o mesmo que fornecer o selo de autenticidade para ele. Para tal, devemos fazer tal qual o historiador e, seguindo a recomendação de Benjamin, mergulhar no real. Se, contudo, o real em que tivermos que mergulhar fundo for o processo de modernização de Florianópolis, não será nem de longe uma historiografia historicista (ou clássica) que se mostrará adequada para tal tarefa. Isso se deve ao fato de que

O historicismo se contenta em estabelecer umnexo causal entre diferentes momentos da história. Mas nenhum fato é histórico por conta de ser meramente uma causa. Ele se torna isso postumamente, através de eventos que podem estar separados dele por milênios. O historiador que parte dessa concepção desiste de deslizar a sequência de eventos entre os dedos como se fossem as contas de um rosário. Ele apreende a constelação, na qual sua própria época entra em contato com uma época anterior, totalmente determinada. Ele funda assim um conceito de presente como o “tempo-agora” [*Jetztzeit*], atingido por estilhaços do messiânico. (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 129, T4 XVIII-A, colchetes meu).

Tal “tempo-agora” se apresentará ao historiador não como vinculado a momentos imediatamente anteriores no passado, mas como vinculado a outro momento histórico não necessariamente vinculado numa série causal real. Isso significa que, ao buscarmos a origem da modernização de Florianópolis, não devemos olhar para a sequência cronológica de momentos que antecedem tal modernização (até porque, na medida em que tratamos tal fato como *processo*, todos os momentos

se equivalem), mas para momentos que dele podem se separar por hiatos temporais indeterminados. É nesse sentido que a modernização de Florianópolis, assim como a das demais metrópoles mundiais, *lembra e faz referência* à modernização de Paris. Ainda que possamos, através da análise estrutural da modernização de Florianópolis, identificar seu fenômeno de origem como sendo *o mesmo* da modernização de Paris, i.e., a concepção de progresso ligada ao capitalismo industrial, isso só se torna possível *depois* que seus elementos, nessa análise, forem isolados e incluídos na unidade monádica de sua ideia. Em outras palavras, quando isolamos os elementos da modernização de Florianópolis e os configuramos como *ideia*, a única forma de “salvá-los” é configurando-os como *interpretação objetiva* da ideia de progresso de Florianópolis, ideia que, como veremos na próxima seção, expõe e opõe extremos em contraposição a outros. Antes, no entanto, de fazer isso, devemos introduzir brevemente o *papel messiânico do historiador*.

## 2 O papel messiânico do historiador e o caso de seu Aterino

Se “Origem do drama barroco alemão” marca o início e, ao mesmo tempo, o fim da carreira acadêmica de Benjamin, o mesmo não pode ser dito de sua trajetória filosófica. Apesar do filósofo ter desviado o foco de suas especulações desde a rejeição de sua tese de habilitação pelos departamentos de Literatura Alemã e de Estética da Universidade de Frankfurt, nem por isso o procedimento metodológico por ele pensado naquela obra foi deixado de lado. Ele se configura, como vimos, como uma escuta atenta do real, de modo que o investigador que se prende a abstrações vai na contramão do que desejaria Benjamin. Esse procedimento metodológico reaparece, também numa roupagem fragmentária, em suas especulações sobre o conceito de história. Tais especulações chegaram até nós por meio de um caminho tortuoso, e de modo algum sob uma forma *definitiva*. O fato de Benjamin tê-las elaborado em meio à ascensão do nazismo na Europa e sua tentativa de fuga, além do fato do filósofo ter preferido o suicídio à captura, explicam a forma inacabada de tais reflexões.

Dentre as versões das teses sobre o conceito de história, a que utilizarei neste trabalho é aquela conhecida como ‘T4’, cujo título, assim como nos demais casos, é

de difícil identificação. T4, de acordo com Márcio Seligmann-Silva, é uma versão datilografada realizada já nos Estados Unidos a partir de um manuscrito que, no entanto, desapareceu. Ela se encontra no arquivo Walter Benjamin em duas versões: WBA 756/1 e WBA 757/1. A primeira tem como título “Sobre o conceito de história” [*Über den Begriff der Geschichte*], escrito com a caligrafia de Gretel Adorno (1902-1993). A segunda, por sua vez, tem como título “Teses histórico filosóficas” [*Geschichtsphilosophischen Thesen*], escrito à mão provavelmente por Adorno também (2020, pp. 23-4). Como meu objetivo não é analisar as diferenças entre as versões dessas teses, escolhi a que possuí, ao meu ver, melhor acabamento, e indicarei as diferenças com relação a outras versões que julgar relevantes quando elas se fizerem necessárias.

Com relação ao que Benjamin desejava para a historiografia, poderíamos começar pelo seguinte. De acordo com o filósofo, na historiografia materialista o *pensar* não envolve apenas o movimento dos pensamentos, mas também sua suspensão: “onde quer que o pensar se detenha subitamente numa constelação saturada de tensões, ele transmite a esta um choque, graças ao qual ele<sup>5</sup> se cristaliza em mônada” (2020 [ca. 1940], p. 127, T4 XVII). O materialismo histórico, assim, aborda um objeto somente na medida em que ele se apresenta enquanto *mônada*. Em tal estrutura o historiador reconhece o signo de uma *suspensão messiânica do acontecido*. Em outras palavras, ele reconhece nele uma oportunidade revolucionária em favor do passado reprimido.

À nossa geração foi dada, de acordo com Benjamin, assim como às anteriores, uma tênue força messiânica, que é *reivindicada* pelo passado (2020 [ca. 1940], p. 113, T4 II). Essa reivindicação se configura como um apelo de certa tradição para que não seja *esquecida*. Tal reivindicação, no entanto, se apresenta ao presente enquanto *imagem*. Contudo, a verdadeira imagem do passado escapa rápido; ele só pode ser concebido como algo que, no momento em que é conhecido, relampeja e desaparece para sempre (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 114, T4 V). Tais imagens do passado

---

<sup>5</sup> Seligmann-Silva, em nota à tradução utilizada, alerta para o fato de que, em algumas versões do texto, o que se cristaliza em mônada é a *constelação* (cf. BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 127, nr. 43). Analisar as implicações dessa diferença entre as versões do texto, no entanto, foge ao escopo deste trabalho.

são irrecuperáveis e ameaçam desaparecer cada vez que o presente não se reconhece como *visado* por elas. É por isso que “articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘como ele foi de fato’. Significa apoderar-se de uma recordação, tal como ela relampeja no instante de um perigo, já que ele [...] ameaça tanto a sobrevivência da tradição quanto os seus destinatários” (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 115, T4 VI). O papel do historiador, assim como aquele delineado para o filósofo em “Origem do drama barroco alemão”, é suspender o fluxo do contínuo, detê-lo, e manter *em suspenso* o acontecido que ao futuro dirige seu apelo. Tal apelo, reivindicado pelo passado ameaçado pelo esquecimento, quando dirigido ao presente que por ele se reconhece visado, se configura como um apelo para que seus elementos, i.e., o que há nele de *heterogêneo*, sejam salvos pelo historiador. De acordo com Rouanet, “salvar as coisas é preservar essas diferenças, que se tornam especialmente visíveis nos extremos. Subsumidas na média, esses extremos desaparecem” (1984, p. 14). Assim, se o que estivermos investigando for a ideia da modernização de Florianópolis, poderíamos dizer que ela só pode receber seu conteúdo através de uma investigação *imane*nte.

Uma vez que tal investigação visa o caráter monádico de tal objeto histórico, vale reforçar de que maneira o universal buscado (o da ideia) se relaciona com o particular imane

nte. De acordo com Rouanet, o que Benjamin visa com sua proposta metodológica é um universal que *faça justiça* ao particular. Do contrário, como mencionei brevemente no início da seção anterior, degradamos as ideias em conceitos, de modo que os “universais” que temos se mostram sempre como constituídos ou indutivamente, ou dedutivamente por meio de abstrações arbitrárias. No primeiro caso, segue o comentador, o universal é uma expressão do *semelhante* e nele o heterogêneo se perde; no segundo, parte-se de um universal abstrato. Em ambos os casos o particular é perdido, já que, na indução, partimos do particular e deixamos de lado o que o constitui como tal (a heterogeneidade), e no segundo partimos do *fim*, mas de um fim que é resultado de uma classificação *a priori* que não mantém uma relação orgânica com o particular (ROUANET, 1984, pp. 14-15).

Isso não significa, porém, que o semelhante deva ser desconsiderado. Ele é o signo por meio do qual uma época entra em contato com outra, ainda que sua ideia não se reduza à daquela. Nesse sentido, podemos comparar a modernização de

Florianópolis com a de Paris no século XIX. Benjamin, na *Exposé* de 1935, intitulada “Paris, a capital do século XIX” [*Paris, die Hauptstadt des XIX*] e incluída nas “Passagens” [*Das Passagen-Werk*], comenta que vê, na poesia lírica de Charles Baudelaire (1821-1867), um olhar da pessoa que se sente, na cidade, *um estranho*. A pessoa a quem pertence tal olhar, deslocada tanto do passado que é abandonado quanto do futuro que se vislumbra com o progresso, tenta dissimular, com um halo conciliador, o “futuro sombrio” dos habitantes da grande cidade (2009 [1935], p. 47).

Na introdução comentei sobre os efeitos da modernização de Florianópolis na dinâmica dos espaços sociais, sobretudo daqueles vinculados à tradição marítima. Assim como ocorre com os habitantes da capital catarinense, a obra de Georges-Eugène Haussmann (mais conhecido como ‘Barão Haussmann’, que viveu entre 1809 e 1891), i.e., a modernização de Paris, causou nos parisienses um estranhamento com relação à sua própria cidade – não se sentiam mais em casa nela. Eles, de acordo com Benjamin, “começam a tomar consciência do caráter desumano da grande cidade” (2009 [1935], p. 49).

Podemos traçar um paralelo entre a Paris que Haussmann visava com a modernização e a Florianópolis moderna visada pela elite local. Tanto em um caso quanto em outro há a tentativa de eliminar a memória histórica da cidade para dar lugar a elementos modernos que reconfigurariam não somente a cidade, mas as relações sociais que nela se estabelecem.<sup>6</sup> Há um esquecimento consciente do passado, abandonado em ruínas ainda hoje visíveis, em detrimento de um passado inventado pelas classes dominantes de Florianópolis e mais de acordo com seus interesses.

Michael Löwy, em “Cidade, lugar estratégico do conflito de classes: insurreições, barricadas e haussmannização de Paris nas *Passagens*” [*La ville, lieu stratégique de l’affrontement des classes: insurrections, barricades et haussmannisation de Paris dans le Passagenwerk*] comenta a atenção que Benjamin dá, nas “Passagens”, a uma citação de Lucien Dubech (1881-1940) e Pierre d’Espezet (1893-1959), que afirmam que a característica que se destaca na obra do prefeito de Paris é o desprezo pela experiência histórica parisiense, criando uma *cidade artificial*

---

<sup>6</sup> Com relação à Paris que Haussmann visava, cf. Löwy, 2019 [2005], pp. 94-103.

(2019 [2005], p. 96). Penso que o mesmo pode ser aplicado à modernização de Florianópolis.

Em defesa de tal afirmação, penso ser possível recorrer a um trabalho historiográfico recente. Vinícius Silveira Luz, em “Memórias do mar: modernização e segregação em Florianópolis, Santa Catarina”, comenta que Florianópolis, mesmo cercada pelo mar, desde a consolidação do seu processo de modernização tem se caracterizado cada vez mais pelo afastamento urbano do mar e pelo investimento pesado em infraestruturas rodoviárias (2022, p. 251). De acordo com o historiador,

A cidade de Florianópolis é marcada pela relação com o mar desde sua fundação. Os hábitos, as atividades econômicas e o cotidiano dos moradores foram por séculos mediados pelo mar. Até 1926, data de inauguração da Ponte Hercílio Luz, a única forma de entrar ou sair da cidade era pelo mar. A ponte, justamente, inaugura o início de um longo processo de afastamento do mar, das sociabilidades marítimas e de aproximação de modelos rodoviários ligados ao processo de surgimento da modernização e do modernismo europeus no final do século XIX. Esse processo é fundamental para compreender não só o desenvolvimento da capital de Santa Catarina, mas o de cidades em todo o país. (LUZ, 2022, p. 252).

Tal processo, que tem seu marco inicial na inauguração da ponte Hercílio Luz, pode ser pensado como uma resposta da ilha às pressões exercidas pela expansão do capitalismo industrial em escala global. A necessidade de mais rodovias só faz sentido à luz da expansão da indústria automobilística, que envolve não somente a produção em série de veículos de passeio, mas também de veículos de transporte de mercadorias. Para Florianópolis afastar a ameaça de deixar de ser a capital do estado devido ao seu “atraso industrial”, a solução foi sua adesão ao processo de modernização e à ideia de progresso a ele vinculada – ainda que em tal processo a cidade desse prioridade à infraestrutura necessária ao turismo e não àquela necessária para a indústria.

**Figura 1:** ponte Hercílio Luz (1926). Vista do continente para a ilha.

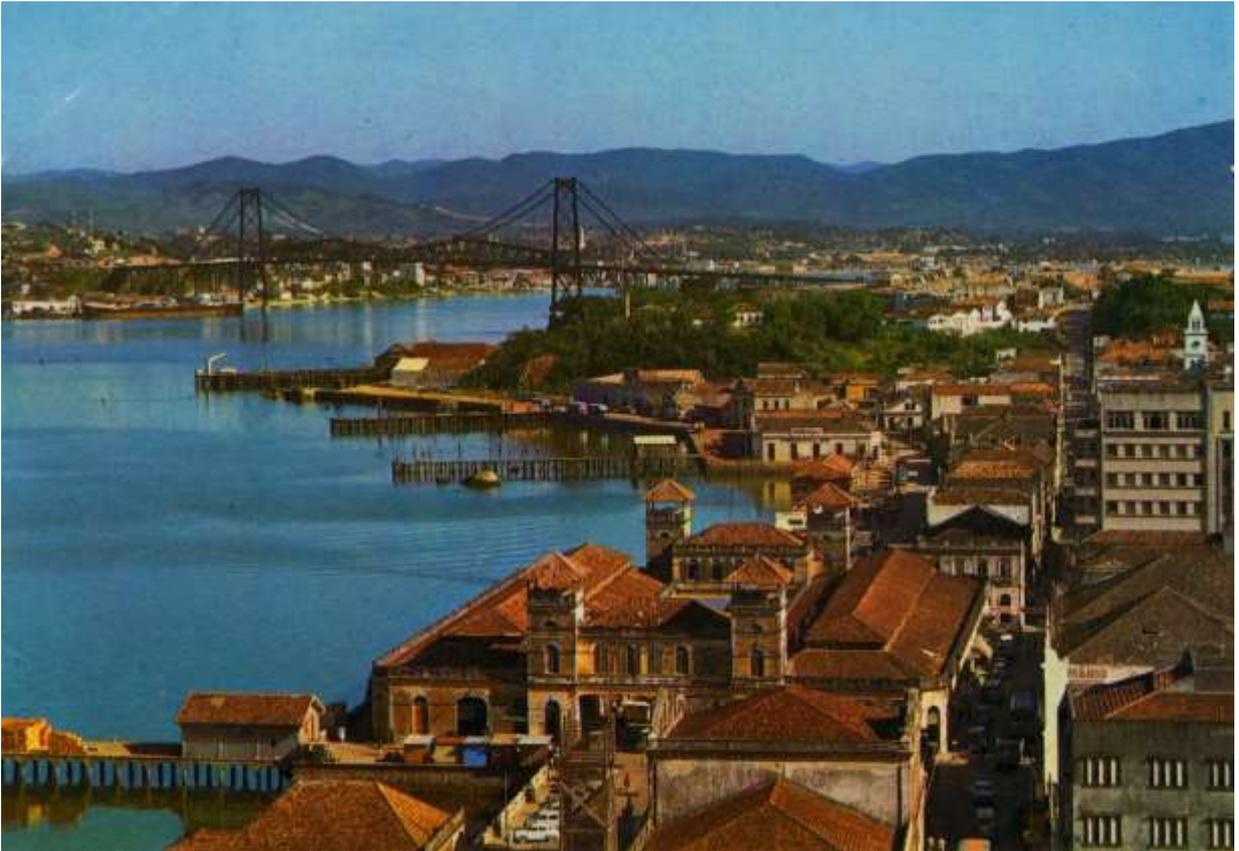


**Fonte:** Arthur Henkel, acervo Ademar Goeldner. Reprodução de Schmidt-Gerlach, 2015, p. 636.

A modernização de Florianópolis, no entanto, não se estagnou com a inauguração da ponte Hercílio Luz. Menos de 50 anos após sua inauguração, ela já se mostrava como incapaz de dar conta do fluxo de veículos e mercadorias que a capital possuía. É por essa razão que, para continuar viabilizando a marcha do progresso da ilha, foi construída uma segunda ponte. Essa segunda ponte, no entanto, reconfigurou mais ainda a relação que a ilha tinha com o mar.

**Figura 2:** centro de Florianópolis antes do aterro da Baía Sul (década de 1960).

Mestre e doutorando em Filosofia no PPGFIL da UFSC. Brasileiro, residente em Florianópolis-SC.  
Email: [derociofelipe@gmail.com](mailto:derociofelipe@gmail.com)



**Fonte:** acervo do IBGE. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441118>. Acesso em: 22 de junho, 2023.

Luz comenta que Colombo Salles (1926-), governador de Santa Catarina entre 1971 e 1975, para viabilizar a construção de uma segunda ponte, implantou o Aterro da Baía Sul, responsável por dar sustentação e figurar como símbolo da nova concepção de modernidade, fortemente ligada à indústria automobilística e à construção de rodovias. Tal obra, porém, contemporiza o historiador, foi responsável pela destruição da antiga sociabilidade marítima do centro histórico de Florianópolis, além de ser um empreendimento “falido”, nas palavras do autor, no sentido de, ao contrário do espaço *vivo* de sociabilidade que era antes, se tornar um local pouco utilizado e, em grande parte, utilizável apenas para a “automobilidade” e a velocidade (2022, p. 257). Um dos espaços de sociabilidade que, com a implementação do Aterro Baía Sul, acabou desaparecendo (não sem causar certa dose de dor e pesar na população local) foi o Miramar, inaugurado em setembro de 1928 como um cais

destinado ao embarque e desembarque de passageiros vindos da baía (LUZ, 2022, p. 258).

**Figura 3:** Miramar recém inaugurado em 1928.



**Fonte:** Julio Wojcikiewicz, acervo Gilberto Schmidt-Gerlach. Reprodução de Schmidt-Gerlach, 2015, p. 648.

O Miramar, de acordo com Luz, foi, ao longo de seus quase 50 anos de existência, um lugar destinado a diversas funções. No entanto, a principal consistia na *reunião* de boêmios, artistas, músicos, jornalistas, políticos e foliões no carnaval. Ele era, nas palavras de Luz, “[...] parte integrante e icônica da sociabilidade da região do centro histórico” (2022, p. 259). Além desses espaços de socialização, acrescenta o autor, outros também acabaram desaparecendo no processo: o antigo Mictório Público, o antigo Forte Santa Bárbara, além das perdas em termos de sociabilidade dos espaços que ligavam Alfândega, Mercado Público e Miramar (LUZ, 2022, p. 260).

**Figura 4:** ponte Colombo Salles (à direita) e Aterro Baía Sul vistos a partir do continente (década de 1970).



**Fonte:** acervo Celso Martins. Recuperado de: <https://audaciaodocumentario.wordpress.com/2008/11/08/florianopolis-decada-de-1970/>. Acesso em: 22 de junho, 2023.

É nesse cenário que Luz insere a figura de seu Aterino (também conhecido como 'Russo'). Aterino, que afirma que desde criança “não tinha como correr do mar” (ATERINO *apud* LUZ, 2022, p. 251), se inscreve como um representante da tradição marítima que o processo de modernização de Florianópolis decidiu esquecer. Hoje residente da região conhecida como Tapera da Base, o pescador explica de que modo a modernização de Florianópolis afetou de maneira diferente as duas regiões do Ribeirão da Ilha em que viveu:

Eu tinha, né, tinha um terreno bonito aí na beira da praia, de mil e cem metro quadrado, eu vendi, na época eu vendi pra isso aí, pra botar o comércio. Aí como eu precisava que as guria trabalhassem também, que eu só na pesca não ia, não estava vencendo, aí eu tive a opção de vender o que eu tinha pra comprar uma outra morada num ponto que desse comércio, que aonde eu estava não dava de eu colocar comércio, naquela época também não tinha movimento no Ribeirão, hoje é diferente, hoje já tem, qualquer lado lá que tu abre qualquer coisa dá negócio, porque o Ribeirão virou uma via de turista.

Diferente da Tapera, a Tapera não entra turista, Tapera só morador daqui mesmo. (LUZ, 2022, p. 267).

De acordo com Luz, podemos perceber, na fala de Aterino, como a valorização de alguns elementos vinculados à maritimidade em detrimento de outros se configura como resultado do processo de modernização da ilha. Para o historiador, o processo de modernização de Florianópolis conferiu um *status* superior ao Ribeirão da Ilha em contraposição à outra região do bairro, a Tapera da Base. Tal atribuição de valor se deu, nesse processo, por meio da valorização de uma suposta *identidade açoriana* presente no Ribeirão da Ilha, identidade essa que começa a aparecer, sem surpresa nenhuma, vinculada ao processo de modernização da cidade.<sup>7</sup> Em outras palavras, conclui Luz, apesar de ambos os bairros possuírem conexões com a cultura pesqueira e litorânea, apenas ao Ribeirão da Ilha foi atribuído valor de espaço cultural e turístico (LUZ, 2022, p. 267).

Além disso, o próprio nome do bairro onde seu Aterino vive, a Tapera da Base, indica o processo de marginalização pela qual passam esse espaço e seus habitantes em detrimento do Ribeirão da Ilha. De acordo com Luz,

[...] o próprio nome “Tapera” já diz bastante sobre o sentido dado a esse lugar, visto como algo abandonado, em ruínas e assim entendido desde sua concepção como parte desregrada da cidade, a cidade dos “outros”, dos pobres, dos migrantes e da diferença, em contraposição direta à cidade moderna e organizada, a produzida para os turistas. (2022, p. 273).

Aqui podemos facilmente estabelecer uma relação entre a Tapera e as “ruínas” de Benjamin, na medida em que a Tapera indica justamente a pilha de escombros, resultante do processo de modernização das grandes metrópoles, e que, com o tempo, deve ser abandonada e esquecida. Seu Aterino, como representante da maritimidade de Florianópolis que foi deixada de lado na modernização da cidade, serve como exemplo do tipo de narrativa que a historiografia deve resgatar. Veremos, à frente, como o papel do historiador, como “anjo da história”, é dirigir sua atenção para essa pilha de escombros e salvar seus elementos do esquecimento.

---

<sup>7</sup> Sobre a *criação* da identidade açoriana e do “manezinho da ilha” como vinculados à modernização de Florianópolis, cf. LUZ, 2022, pp. 268-70.

A própria pesquisa de Luz, se pensarmos bem, se caracteriza como uma busca por “outras narrativas possíveis” para o passado, compreendido como um espaço de disputa:

O estudo conduzido até aqui compreende precisamente a busca por outras narrativas possíveis para o passado ainda vivo no cotidiano florianopolitano, de modo que a fala e o registro das memórias de Aterino estão inseridos na revisitação do passado e na exploração de suas incertezas ainda colocadas nas disputas narrativas sobre o espaço da cidade. (LUZ, 2022, p. 274).

O trabalho de Luz é importante porque nele ressalta o papel fundamental da investigação *imane*nte do objeto histórico analisado. Como já vimos, o processo de modernização de Florianópolis, i.e., seu progresso, só pode ser concebido em seu caráter monádico na medida em que reunimos suas características particulares até que *elas falem* e, nessa fala, *revelem as leis do todo* (nas palavras de Rouanet). Essa fala é, entre tantas outras silenciadas, também a de Aterino, e por dar voz a ele é que Luz, o historiador, pode ser concebido como cumprindo seu papel messiânico.

É por essa razão que, apesar da modernização de Florianópolis fazer referência à modernização de Paris, devemos manter em mente o fato de que a ideia de progresso na capital francesa articulou elementos diferentes daqueles envolvidos na modernização da capital catarinense. Em contraposição à modernização de Florianópolis, a de Paris tinha como intuito principal proteger a cidade contra a guerra civil (BENJAMIN, 2009 [1935], p. 50). Apesar disso, no entanto, podemos dizer que uma característica se mantém semelhante ao caso parisiense: a supressão de modos de vida e socialização característicos das classes mais oprimidas.

Assim, o papel messiânico do historiador não pode ser concebido de outra maneira que não como redentor dessas classes. Mais do que isso, seu papel de escuta é *ativo*. O apelo dirigido ao presente pelo passado que ameaça desaparecer depende da atenção que o presente dirige a esse apelo. O problema do historicismo e sua vinculação com uma concepção mecânica da sucessão dos momentos históricos é que sua marca característica é o *conformismo*. O historiógrafo do historicismo espera que os momentos se desenvolvam por conta própria e apenas avalia o “resultado”. O historiógrafo materialista, visado por Benjamin, não poderia atuar de maneira mais diametralmente oposta. De acordo com o filósofo,

Em cada época, deve-se tentar novamente libertar a tradição do conformismo, que está prestes a subjugar-la. [...] Apenas tem o dom de atizar no passado aquelas centelhas de esperança o historiógrafo atravessado por esta certeza: nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], pp. 115-6, T4 VI).

É por isso que Benjamin afirma que precisamos de um conceito de história que corresponda ao fato de que o “estado de exceção” (*Ausnahmezustand*) é, na verdade, a *regra* (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], pp. 117-8, T4 VIII). Tal estado de exceção pode ser claramente caracterizado pelo fato de que toda tradição incompatível com a ideia de progresso deve desaparecer no devir histórico desse mesmo progresso. Precisamos, portanto, visando a pesquisa aqui desenvolvida, de um conceito de história para os *marginalizados* no processo de modernização de Florianópolis. Tal conceito de história, se o associarmos à introdução metodológica de “Origem do drama barroco alemão”, em sua investigação acerca do caráter monádico do acontecimento, deve analisar os *extremos*, no plural, de onde há de emergir a estrutura e, com ela, a indicação do fenômeno de origem que caracteriza a modernização da ilha enquanto tal.

### 3 Quem tem o direito de carregar a tradição marítima de Florianópolis?

Vimos, acima, como o historiador, na medida em que toma como sujeito histórico as classes oprimidas, se configura como *redentor* daquela tradição que ameaça desaparecer. No caso de Florianópolis, a tradição que ameaça desaparecer é a tradição *marítima*. Luz, para definir o que há de “marítima” na tradição florianopolitana, recorre à definição de Antônio Diegues, que define a “maritimidade” como o “[...] conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo” (DIEGUES *apud* LUZ, 2022, p. 262). Essas práticas, i.e., *sua existência*, no entanto, está ameaçada na medida em que o espaço em que ocorrem também é ameaçado pelo progresso. Seus elementos constituintes, então, se põem em tensão com elementos contrapostos, ou melhor, *modernos*. Cabe ao historiador, portanto, em sua investigação imanente de determinado objeto histórico,

identificar tais elementos e, em sua análise, identificar os extremos que se chocam – ou, em outras palavras, as *tensões* que permeiam as relações entre tais extremos.

Tais tensões, desse modo, revelam por si próprias que os elementos tensionados se apresentam sempre no *plural*. Assim, poderíamos, a partir do que foi dito até aqui, identificar pelo menos *duas* tradições marítimas de Florianópolis: uma ressaltada (em extremo, *criada*) pela modernização da ilha, facilmente identificada no “manezinho da ilha”, e outra relegada ao esquecimento, caracterizada pelas relações orgânicas que permeiam os espaços que vinculam o urbano ao mar. Segundo esse raciocínio, haveria uma tradição de acordo com o processo de modernização, e outra com ele incompatível. Essa segunda, como também vimos, caminha a passos largos para o esquecimento, a não ser que alguém, o *historiador*, se sinta por ela visado. Benjamin, nas teses sobre o conceito de história, esboça a imagem do historiador da seguinte maneira:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele se apresenta um anjo que parece estar na iminência de afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. É assim que deve parecer o Anjo da História. Sua face se volta para o passado. Lá onde *nós* vemos surgir uma sequência de eventos, *ele* vê uma catástrofe única, que incessantemente empilha escombros sobre escombros e os lança a seus pés. Ele gostaria de se demorar, de despertar os mortos e reunir de novo o que foi esmagado. Mas uma tempestade sopra do paraíso, que se agarra às suas asas, e é tão forte que o Anjo já não as consegue mais fechar. Essa tempestade o leva inexoravelmente para o futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto diante dele a pilha de escombros cresce rumo ao céu. Aquilo que chamamos de progresso é essa tempestade. (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], pp. 118-9, T4 IX).

O olhar do historiógrafo materialista, portanto, é anti-historicista na medida em que não vê no devir histórico da humanidade um aprimoramento em cada novo estágio de tal processo. Ele não contempla o resultado desse devir como um *resultado necessário*, mas antes como mais um triunfo das classes dominantes na perpetuação de seu domínio. Tais classes, na medida em que detêm os meios de produção, detêm também os meios para reconfigurar à força os espaços de sociabilidade – e não só isso, mas reconfigurá-los de acordo com o que elas consideram mais adequado. Não foi pelo interesse dos ilhéus que Florianópolis iniciou seu processo de modernização, mas sim pelo interesse das elites florianopolitanas de que *seu espaço* continuasse se

configurando como um *espaço de poder* no estado e no país. Se o anjo da história volta seu olhar para o passado e quer se deter em suas ruínas, é porque entende que

Os que ora dominam são herdeiros de todos os que venceram. A empatia com os vencedores beneficia, portanto, sempre os que ora dominaram. Todos os que até hoje foram vencedores vão junto ao cortejo triunfal dos dominantes, que marcham sobre aqueles que jazem hoje no chão. Os espólios, como de costume, são levados no cortejo triunfal. (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 117, T4 VII).

Tais espólios, afirma Benjamin na sequência, são os chamados *bens culturais*. Podemos, no caso aqui analisado, i.e., a modernização de Florianópolis, pensar que alguns desses bens são aqueles que constituem a tradição marítima da ilha – como, por exemplo, o “manezinho” e suas características. O historiógrafo materialista, de acordo com Benjamin,

[...] os observa sempre com o devido distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele contempla têm uma origem sobre a qual não pode refletir sem horror. Devem a sua existência não apenas ao esforço dos grandes gênios, que os criaram, mas também à corveia anônima dos contemporâneos destes. Não há um documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie. E assim como a cultura não está livre da barbárie, assim também ocorre com o processo de sua transmissão, na qual ela é passada adiante. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico dela se afasta ao máximo. Ele considera que a sua tarefa é escovar a história a contrapelo. (2020 [ca. 1940], p. 117, T4 VII).

Ao postar-se de tal maneira, o historiador, tal qual visado por Benjamin, adota uma posição absolutamente contrária ao conformismo. Onde o historicista vê progresso, o materialista vê barbárie. Onde o primeiro vê o resultado necessário de um processo natural, o segundo vê um espaço de luta. É por essa razão que, como disse acima, Benjamin afirma que o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida combatente. Na medida em que a função da história é redimir o passado apagado para lhe fazer justiça, e não visar um “futuro radiante”, tal historiografia adquire um forte caráter político e, como tal, se alimenta da imagem dos antepassados oprimidos, não dos descendentes libertos (2020 [ca. 1940], pp. 122-3, T4 XII).

Em nota à tese IX do manuscrito entregue por Benjamin a Hannah Arendt (1906-1975), que corresponde à tese XII de T4, Seligmann-Silva alega que nessa tese se concretiza o *giro copernicano* no saber histórico proposto por Benjamin. Segundo o comentador, é nessa tese que fica evidente o paralelismo entre a *tarefa*

*revolucionária* e o *pensamento histórico*, já que em ambos o agente é o mesmo: a classe oprimida combatente (cf. BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 47, nr. 41). Se ele é o sujeito histórico por excelência, é porque a consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria das classes revolucionárias no momento de sua ação (idem, p. 125, T4 XV).

A história, assim, se configura como o *salto de tigre* em direção ao passado (idem, ibidem, T4 XIV). Quanto a essa expressão um tanto quanto elusiva, em nota à primeira tese XII do manuscrito entregue por Benjamin a Arendt, Seligmann-Silva comenta que a “revolução”, em alemão, é associada à ideia de *fazer saltar* – ou melhor, *explodir* (*herausprengen*), que significa, literalmente, fazer “saltar para fora”. De acordo com o comentador, isso significa pelo menos duas coisas: 1) *para o historiador*, significa saltar para fora da continuidade da falsa narrativa histórica que *encobre* a história das lutas e resistências; 2) *para o revolucionário*, significa o salto para fora do rumo da história como *história dos vencedores*. Ainda nessa nota, Seligmann-Silva destaca que o conceito de “origem” (*Ursprung*) realiza a associação entre o procedimento do revolucionário e o procedimento metodológico do historiador, que pensa guiado pelo “faro” para as afinidades eletivas históricas e salta entre as temporalidades – ou os *tempos-agora* (*Jetztzeit*) (cf. BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], pp. 51-2, nr. 49).

Além disso, em nota ao fragmento M26, que corresponde, parcialmente, à tese XIV de T4, Seligmann-Silva comenta que o “salto de tigre”, na medida em que é um salto dialético, é um “salto originário” (*sprunghaft*, i.e., “que salta”, “originário”). O comentador adverte, porém, que nesse fragmento Benjamin ainda não realizara uma distinção clara entre os pares da historiografia clássica, de um lado, e a historiografia materialista de outro. A historiografia clássica, de acordo com Benjamin, associa um “presente” (*Gegenwart*) a um “passado” (*Vergangenheit*), ao passo que a historiografia materialista associa um “agora” (*Jetzt*) a um “ocorrido” (*Gewesene*). Esse segundo modelo, de acordo com Seligmann-Silva, é definido pelo termo “originário” (*sprunghaft*), i.e., “aos saltos”, que é também um termo-chave para o prefácio epistêmico-crítico de “Origem do drama barroco alemão” (cf. BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], pp. 166-6, nr. 68).

É esse salto de tigre, ou salto dialético, que permite que o historiador identifique um fenômeno de origem como sendo *o mesmo* em épocas, por vezes, muito distantes no tempo. Löwy, ao citar a comparação rápida que Benjamin faz entre o “embelezamento estratégico” de Paris e os bombardeios aéreos a Guernica e Madrid nos anos 1930, comenta que um dos paralelos que podemos traçar entre eventos de natureza tão distinta é a destruição de bairros inteiros (em geral bairros populares) e também a eliminação de “focos de motins”. No entanto, o que o comentador diz na sequência é interessante também:

Dito isso, não creio que o autor das *Passagens* tenha tentado estabelecer um signo de identidade entre os dois eventos de natureza radicalmente diferente, menos ainda uma genealogia histórica. Sua rápida observação esboça antes uma espécie de constelação única entre duas modalidades, perfeitamente distintas, de “demolição estratégica”, pelas classes dominantes, de destruição urbana como meio de manter a ordem e a naturalização das classes populares. (LÖWY, 2019 [2005], p. 102).

Se inserirmos neste debate a modernização de Florianópolis e, em específico, a recharacterização do centro comercial da cidade e dos bairros do Ribeirão da Ilha e da Tapera da Base, podemos pensar que tais acontecimentos constituem uma espécie de “constelação”: eles não podem ser reduzidos um ao outro; o caráter monádico de cada um deles implica que cada um tem elementos particulares que devem ser *redimidos* na ideia que constitui cada um desses processos de modernização de grandes metrópoles. No entanto, suas similaridades fazem com que um remeta ao outro, ainda que não seja possível estabelecer uma conexão causal entre eles, ou uma espécie de cadeia genealógica entre os eventos. O caráter *histórico* de cada um desses momentos se configura não em sua sequência cronológica ou causal, mas no momento de *perigo* em que a tradição dos oprimidos corre o risco de ser esquecida na marcha do progresso.

Antes, porém, de concluir esta seção e, com ela, este trabalho, devemos falar brevemente sobre o que Benjamin entendia por ‘progresso’. Para o filósofo, a ideia do progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha num tempo *homogêneo* e *vazio*. Além disso, acrescenta o filósofo, a crítica da segunda deve fundamentar a crítica da ideia de progresso em geral (BENJAMIN, 2020 [ca. 1940], p. 124, T4 XIII). A ideia de progresso que se vincula ao historicismo tem, por característica essencial, um contínuo “homogêneo” (ou seja, em que todas as partes

são *iguais*) e “vazio” (ou seja, em que qualquer conteúdo com que o preenchamos adquire, por isso mesmo, o caráter de *histórico*). Desse modo, como afirma Benjamin, o historicismo carece de “armadura teórica” (2020 [ca. 1940], p. 127, T4 XIII) pelo fato de não ter condição alguma nem de identificar quem são os sujeitos históricos – i.e., quem tem *direito* de carregar a tradição – nem de estabelecer critérios para configurar um momento como “histórico”.

Em contraposição a isso Benjamin, retomando a tradição mística judaica, afirma que o futuro não é um infinito vazio e homogêneo, mas sim uma “portinha” pela qual, a qualquer segundo, o *messias* pode entrar (2020 [ca. 1940], p. 130, T4 XVIII-B). Esse “messias”, para a tradição, é o historiador, que ao fazer uma investigação imanente de seu objeto o configura como *histórico* na medida em que salva seus elementos heterogêneos na unidade da ideia que o constitui.

Por fim, de acordo com Löwy, “cada classe tenta utilizar e modificar o espaço urbano em seu benefício. Vê-se desenhar, em linha tracejada, uma tradição dos oprimidos [...]” (2019 [2005], p. 93). Löwy vê, no caso de Paris analisado por Benjamin nas “Passagens”, uma tradição dos oprimidos cuja expressão material visível é a *barricada*. No caso da modernização de Florianópolis, poderíamos pensar na descrição que Aterino dá da praia da Tapera como um lugar tranquilo e bom de viver<sup>8</sup>, ou em sua diferenciação entre pescadores “profissionais” e “amadores”<sup>9</sup>, que pode ser concebida como uma forma que a classe a qual pertence, relegada ao esquecimento, encontra para lutar no espaço modernizado de Florianópolis.

## CONCLUSÃO

---

<sup>8</sup> “Me diz um refúgio mais bonito que isso aqui na ilha. É difícil. Pra quem conhece a ilha toda que nem eu conheço, não só a ilha, muitos lugares pela praia fora, um lugar pra ganhar isso aqui só o Zimbros, ali que é parte da Armação da Piedade, em direção ali de Camboriú, aí ganha essa nossa região na boniteza. (...) Mas assim, na Baía aqui do Sul não tem região igual a nossa em boniteza” (ATERINO *apud* LUZ, 2022, p. 75).

<sup>9</sup> “Antigamente tinha é, os pescador era mais unido porque existia pescador. Hoje não tem mais. Ó nós aqui ó. Está eu outro rapazinho que mora ali no canto da praia. Que é um pouquinho mais velho do que eu e outro rapaz que está aqui mais ou menos está com cinquenta e cinco anos. São três pescadores aqui na Tapera. Mas tem muita embarcação aí ó, mas nenhum deles é pescador profissional. São tudo funcionário público” (ATERINO *apud* LUZ, 2022, p. 262).

A modernização de Florianópolis, como pudemos ver, na medida em que se configura como um processo que se realiza por meio da atividade humana, se configura também como *histórico*. No entanto, na medida em que isolamos esse processo de outros e a ele outorgamos o caráter de “objeto histórico”, ele exige uma metodologia que seja capaz de dar conta desse seu caráter. Uma metodologia historicista, como vimos, é não só incapaz de conceber o que faz de um momento qualquer “histórico”, como, na medida em que observa apenas seu resultado, ignora as tensões que saturam tal momento. É por essa razão que, lá no início do texto, indiquei que a modernização de Florianópolis deveria ser compreendida em seu caráter *monádico*. É, pois, somente quando a *destacamos* do fluxo da história que podemos, através de uma análise estrutural, em que seus elementos se configuram como extremos tensionados, analisá-la como um objeto histórico.

É a partir de tal metodologia que podemos compreender de que maneira se configura o papel do historiador – que, como vimos, se apresenta como *messias*, ou *salvador*. Da mesma forma como o filósofo salva os fenômenos na unidade da verdade, o historiador salva a tradição do esquecimento cristalizando-a como “história natural”. Sob esse registro, a história se configura não como um análogo do voo da coruja de Minerva, destinando-se apenas à contemplação, mas sim como instrumento de resistência para a classe oprimida combatente. Ainda sob essa perspectiva, é compreensível a avidez com que governos autoritários se lançam em ataques contra a história. É ela que, escovando o passado a contrapelo, *revela* o que foi encoberto.

Podemos, fazendo justiça à insistência que Benjamin devota ao estabelecimento das *imagens* como forma legítima de pensamento, recorrer a uma imagem do processo de modernização de Florianópolis. Em certa altura da entrevista concedida a Luz, Aterino menciona outra vítima do processo de modernização da cidade: [...] lá fora tinha uma ilha chamada Ilha dos Carvão, que era os escoteiros que eram os donos, que descarregavam carvão lá e por isso ganhou [este nome] a Ilha do Carvão, mas os escoteiros que eram donos daquilo lá. Hoje a rodoviária tá em cima daquela ilha (ATERINO *apud* LUZ, 2022, p. 273, colchetes meu).

**Figuras 5:** Ilha do Carvão por volta de 1930.



**Fonte:** Foto Postal Colombo, acervo Gilberto Schmidt-Gerlach. Reprodução de Schmidt-Gerlach, 2015, p. 734.

Poderíamos pensar que, assim como a Ilha do Carvão foi “aterrada” pelo processo de modernização da cidade, também a tradição marítima à qual se vincula seu Aterino se encontra ameaçada pelo mesmo destino. O historiador, é claro, não tem poder de desfazer o Aterro Baía Sul e salvar a ilha; ele, no entanto, tem o poder de salvar a tradição que a ela se vincula e ameaça desaparecer. Por fim, antecipando uma possível objeção a este trabalho, não pretendi, com ele, avaliar a competência historiográfica do trabalho de Luz, único historiador trazido para pensar os elementos da modernização de Florianópolis. Vejo, em seu trabalho, um *exemplo concreto* daquilo que Benjamin queria para a historiografia. Além disso, sendo coerente com a proposta metodológica delineada em “Origem do drama barroco alemão”, penso que não precisamos percorrer uma série indefinida de trabalhos historiográficos para avaliar, como resultado dessa comparação, se eles estão ou não de acordo com o que Benjamin esperava do historiador. Até porque, deixando a última palavra para o próprio Benjamin, podemos encontrar o *exemplar* até mesmo num simples fragmento (1984 [1925], p. 66).

**Figura 6:** Vista aérea da Baía Sul e da Ilha do Carvão (canto superior esquerdo) em 1940.



**Fonte:** Acervo UDESC. Recuperado de: <https://www1.udesc.br/?id=2199>. Acesso em: 22 de junho, 2023.

## REFERÊNCIAS

Mestre e doutorando em Filosofia no PPGFIL da UFSC. Brasileiro, residente em Florianópolis-SC.  
Email: [derociofelipe@gmail.com](mailto:derociofelipe@gmail.com)

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**: Abhandlungen (Band I). Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. “Exposés”. In: \_\_\_\_\_. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração na organização da edição brasileira de Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão de Irene Aron. Tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica de Patrícia Freitas Camargo. Posfácios de Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 36-67.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo, SP: Alameda, 2020.

LÖWY, Michael. “Cidade, lugar estratégico do conflito de classes – insurreições, barricadas e haussmannização de Paris nas *Passagens*”. In: \_\_\_\_\_. **A revolução é o freio de emergência**: ensaios sobre Walter Benjamin. Tradução de Paolo Colosso. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019, pp. 87-108.

LUZ, Vinícius Silveira. “Memórias do mar: modernização e segregação em Florianópolis, Santa Catarina”. **Fronteiras – Revista Catarinense de História**, n. 40, 2022, pp. 250-277. DOI: <https://doi.org/10.36661/2238-9717.2022n40.12920>

ROUANET, Sérgio Paulo. “Apresentação”. In: BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984, pp. 11-47.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação: Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin”. In: BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo, SP: Alameda, 2020, pp. 9-28.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto. **Ilha de Santa Catarina**: Florianópolis. Pesquisa e organização de Gilberto Schmidt Gerlach. São José, SC: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2015.